

**Se você soubesse
a alegria dos pobres**

Michel Bavarel
Nara Rachid Silva

**Se você soubesse
a alegria dos pobres**



NHANDUTIEDITORA

Título original: © *Si vous saviez la joie des pauvres*
 Texto original: © Saint-Maurice (Suíça): Editions Saint-Augustin, 2002
 Conjunto deste livro: © Nhanduti Editora 2014

Revisão e diagramação: Nhanduti Editora
 Capa e arte: Nhanduti Editora sobre fotos disponibilizadas pelos autores

Por motivos de respeito a fontes e depoimentos, estes foram reproduzidos em sua forma original, ou seja, com todas as particularidades originais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bavarel, Michel; Silva, Nara Rachid

Se você soubesse a alegria dos pobres. Fredy Kunz (Pe. Alfredinho) / Michel Bavarel; Nara Rachid Silva. – São Bernardo do Campo : Nhanduti Editora, 2014, 240p.

Apresentação de José Oscar Beozzo.

Prefácio de Marc Ouellet.

Mensagem de Pedro Casaldáliga.

ISBN 978-85-60990-20-7

1. Kunz, Fredy (1920-2000). 2. Irmandade do Servo Sofredor (ISSO). 3. Igreja e problemas sociais.

I. Bavarel, Michel. II. Silva, Nara Rachid. III. Título.

CDD-282.09; 248.408; 261.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Kunz, Fredy : Igreja Católica-Romana, abordagem segundo pessoas 282.09
2. ISSO : Práxis cristã em determinados grupos de pessoas 248.408
3. Igreja e problemas sociais : Papel das Igrejas cristãs na sociedade 261.1

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Nhanduti Editora

Rua Planalto 44 – Bairro Rudge Ramos

09640-060 São Bernardo do Campo – SP, Brasil

11-4368.2035 nhanduti@yahoo.es / www.nhanduti.com

Sumário

Apresentação (José Oscar Beozzo)	11
Prefácio (Marc Ouellet)	19
Introdução	21
Capítulo 1	
O Nordeste	35
Uma página da história santa	39
A terra prometida	55
Um jejum contra a violência	71
Capítulo 2	
O Sudeste	83
A festa das crianças	95
Resistência	113
Porta Aberta aos Famintos	131
Com os sofredores de rua	139
Catadora de papelão e gente	155
Na Casa do Pai	167
Capítulo 3	
Servos Sofredores de todos os países, uni-vos!	185
Vinde e vede	191
A festa dos restos	201
Conclusão	213
Anexo	
Nós pobres somos o futuro do mundo, se...	
... se escolhermos o caminho da não vingança	223
... se escolhermos o caminho do respeito pela Criação	229
Manifesto da Romaria da Irmandade do Servo Sofredor	233

Apresentação

O livro *Se você soubesse a alegria dos pobres* desvela um excepcional testemunho de vida pessoal e comunitária, que remete diretamente à trajetória de Jesus e do seu evangelho reescrito para os dias de hoje, com o mesmo frescor das primeiras comunidades cristãs. Entrelaça a trajetória da Irmandade do Servo Sofredor, de seu fundador Alfredinho – Pe. Alfredo Kunz – e das muitas pessoas que o seguiram no caminho por ele trilhado, caminho que somos agora convidados a descobrir e desafiados a percorrer.

Peregrino nas estradas de um mundo desigual

De Tauá, no sertão mais seco do Ceará, para se chegar a João Pessoa no litoral paraibano gastam-se muitas horas num longo trajeto de ônibus ou caminhão, por estradas esburacadas e poeirentas. Essa mesma jornada dura semanas a fio se for percorrida a pé, de chinelo de dedo, levando apenas uma pequena mochila às costas. Seguindo a pé, o caminhante pode parar, conversar com os passantes, ajudar um lavrador na sua colheita, na capina do roçado, no conserto de uma cerca e ser convidado para partilhar uma moringa d'água, um prato de comida ou ganhar pousada para uma noite. Se nada encontrar no descampado, sobra a alternativa de buscar duas pedras, uns gravetos, colocar encima uma latinha vazia de goiabada e cozinhar ali um pouco de arroz e feijão e dormir depois ao relento, ao abrigo de uma árvore ou de um rancho abandonado.

Já noite entrada, depois de longo caminhar, bate o peregrino à porta do convento franciscano de João Pessoa, onde começaria a pregar retiro para os frades na manhã seguinte. O porteiro entreabre a janelinha do portal, intui um mendigo a mais a pedir pouso ou comida e já vai avisando que a casa está cheia por causa do retiro dos frades e que não poderá atendê-lo. A janelinha é fechada, sem tempo para uma explicação. Resta ao pregador passar a noite

num banco da praça fronteira ao convento, bater de novo à porta logo cedo e receber a mesma resposta, num tom já um pouco irritado. Pe. Alfredinho precisou então anunciar, com voz humilde, mas clara, que precisava entrar, pois era ele quem devia iniciar a pregação do retiro logo mais.

Precisava ainda pregar alguma coisa?

As prostitutas vos precederão no reino dos céus (Mt 21,31)

O padre é chamado para atender na zona do baixo meretrício uma jovem prostituta que a tuberculose havia consumido. Já respirava com dificuldade e visível fraqueza. Deu-lhe a unção dos enfermos, mas resolveu permanecer ali, cuidando dela, por dias seguidos até que, na pobreza de sua rede e acompanhada pelas companheiras do quarteirão, fosse levada para o cemitério.

Alfredinho decidiu mudar-se para aquele barraco agora vazio e ficar ali entre as mais excluídas e discriminadas da cidade. Alfredinho foi e ficou. Deixou no seu livrinho *A burrinha de Balaão*¹ um relato comovente desta sua decisão e do que representou em sua vida a mudança para aquele barraco no meio da favela, na zona do baixo meretrício de Crateús-CE, como solidária e fraterna presença junto àquelas suas irmãs exploradas e discriminadas.

O episódio fez-me lembrar do dia em que o bispo de Lins, SP, dom Pedro Paulo Koop, chorou ao abençoar o local de encontro e a capelinha de Santa Maria Madalena construída pelo Movimento de Libertação da Mulher Marginalizada (MLMM) no meio do bairro São João, a zona de prostituição da cidade. Confessou para aquelas mulheres que se apinhavam entre curiosas e felizes no local: “Vocês são minhas filhas mais abandonadas, mas esta é a primeira vez que venho até vocês!”

Alfredinho pregou o tempo todo, e cada vez mais apenas com gestos e mansamente, com o exemplo de sua vida identificada com os pobres, suas angústias e necessidades. Na partilha do pouco que tinham – um papelão para deitar-se, um pedaço de pão prontamente dividido – foi descobrindo a inexplicável alegria dos mais pobres que brotava mesmo em meio àquele sofrido cotidiano.

Eu não hesitaria em afirmar que Alfredinho foi um São Francisco dos dias de hoje. A experiência fundante da vida de Francisco foi seu encontro com o leproso que lhe causou repugnância, mas que ele abraçou e beijou, descobrindo o Cristo sofredor naquele corpo corroído pela doença, todo mutilado e coberto de andrajos. Para Alfredinho, o encontro com o leproso aconteceu na sua ida para acudir aquela jovem prostituta atingida pela tuberculose e sem ninguém por ela.

¹ BOUCHAUD, Joseph; KUNZ, Frédy. *A burrinha de Balaão numa favela brasileira*. São Paulo: Loyola, 1977.

Por uma igreja servidora e pobre

A trajetória de Alfredinho, que deixa a Europa para um trabalho missionário tateante na América em busca do seu rumo, insere-se toda numa ampla conversão da Igreja desencadeada pelo papa João XXIII, ao proclamar um mês antes da abertura do Concílio Vaticano II que a Igreja deveria ser antes de tudo uma “Igreja dos Pobres”². O Concílio não conseguiu colocar no coração de suas decisões este apelo do papa, como nos confessou dom Antônio Fragoso, bispos de Crateús no Ceará, a diocese onde Alfredinho aprofundou sua conversão:

*[O Concílio] permitiu-me descobrir, a releitura foi feita depois, que os pobres não estavam no coração e no horizonte dos bispos. Por isso, o Concílio não deu maior atenção ao tema. O Concílio permitiu-me sair daquele pessimismo sobre a natureza e dar-me alegria, mas não o vi reconciliando-se com os pobres.*³

Um grupo de bispos, porém, entre os quais se encontravam o próprio Dom Fragoso, Dom Helder Camara, Dom José Maria Pires, Dom Waldyr Calheiros, Dom Luiz Fernandes e outros bispos da América Latina, da Europa, da África e da Ásia, firmaram entre si o assim chamado “Pacto das Catacumbas”⁴. Comprometiam-se a uma vida de pobreza e de serviço aos mais pobres e às suas lutas por sair da miséria e da exploração. O Pacto acabou recebendo a adesão de mais de 500 bispos, um quinto dos cerca de 2.500 que tomaram parte no Concílio, e apontou um novo rumo para a Igreja.

O que não foi possível alcançar no Concílio tornou-se em Medellín proposta de toda a Igreja latino-americana de se transformar numa Igreja servidora e pobre. A opção preferencial pelos pobres em Puebla selou esse compromisso que foi assumido por muitas igrejas do continente, por dezenas de milhares de comunidades eclesiais de base e pastorais sociais, por inúmeras comunidades de religiosas inseridas na realidade dos mais pobres. Quase 50 anos depois do término do Concílio, essa inspiração de João XXIII e esse compromisso de Medellín foram retomados por um papa que veio da América Latina e que tomou o nome de Francisco. Confessou candidamente aos jornalistas:

Quando a coisa se tornou perigosa, o Cardeal Hummes, um grande amigo, me confortava. E quando os votos alcançaram os dois terços, veio o costumeiro aplauso porque havia sido eleito o papa. Ele me abraçou, me beijou e disse: “Não se esqueça dos pobres!” E aquela palavra entrou aqui: os pobres, os pobres, os pobres. Então, imediatamente, em relação aos pobres, pensei em São Francisco de Assis.

2 JOÃO XXIII. *Nuntius Radiophonicus* (11 sept. 1962). In: *ADP II/1*, 348-354. Tradução brasileira: KLOPPENBURG, Boaventura. *Concílio Vaticano II, vol. II*. Petrópolis: Vozes, 1963, 299-305.

3 BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005, 212 – entrevista com Dom Antônio Fragoso.

4 O pacto por uma Igreja servidora e pobre, in KLOPPENBURG, *ibidem*, vol. V, 526-528.

*Pensei depois nas guerras, enquanto o escrutínio prosseguia até o final de todos os votos. E Francisco é o homem da paz. E assim, veio-me ao meu coração o nome de Francisco de Assis. É para mim o homem da pobreza, o homem da paz e o homem que cuida da criação, neste momento em que não temos uma relação tão boa com a criação. É o homem que nos dá este espírito de paz, o homem pobre... Como eu gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres!*⁵

Alfredinho avançou de maneira cada vez mais radical nesse compromisso com os pobres, que desembocou nessa aventura de construir comunidades de partilha de vida, oração e contemplação entre os últimos da sociedade.

Um inusitado presente de aniversário

Certo dia, Alfredinho foi procurar o bispo de Santo André, Dom Cláudio Hummes, pedindo-lhe um presente de aniversário pelos seus 75 anos de idade. O presente solicitado era a bênção do bispo para sua decisão de deixar a favela onde habitava e ir viver entre os moradores de rua!

João, um morador de rua, perguntou a Alfredinho por que razão ele estava ali, no meio deles. Esse lhe explica que festejava seus 75 anos e que desejava agradecer a Deus por lhe ter dado a vida. “A melhor maneira de agradecê-lo é ir ao encontro do povo sofredor de rua, que é um povo acolhedor, um povo que partilha” (p.138)⁶.

Sua decisão encheu, porém, de preocupação seus amigos da favela, como conta Nara, ao voltar para ali: “Algumas pessoas choravam. Elas diziam: ‘O padre Alfredinho nos abandonou, ele vai morrer de frio e de fome’. – ‘Na rua só tem violência e pessoas que não valem nada.’ Entretanto, outros fizeram essa reflexão: ‘Mas o que diziam de nós quando Alfredinho veio para a favela? Que aqui havia só bandidos, matadores, drogados, pessoas que não valem nada!’ O fato que Alfredinho foi para a rua lhes revelou o sentido de sua vinda para a favela. ‘O que ele encontrou aqui? Nossa acolhida, nosso desejo de partilhar, nossa vida de oração.’ – ‘E é por isso que hoje eu participo do artesanato, do grupo do pão.’ – ‘É por isso que agora chegam tantas visitas aqui.’ Essas pessoas compreenderam que Alfredinho podia ser, igualmente, acolhido na rua. ‘Ele vai descobrir a riqueza desse povo sofredor, isolado, abandonado, e revelar que essas pessoas não são aquilo que dizem delas.’ Os moradores da favela também mudaram seu olhar em relação ao povo da rua” (p.139).

“Nós pensamos a partir do chão que pisamos”, como gosta de repetir Leonardo Boff. Esta máxima é a chave para compreender a trajetória de vida de Alfredinho. Sempre pisou, cada vez com maior radicalidade, o chão dos pobres e viveu como pobre a vida dos mais empobrecidos e desamparados da sociedade.

5 FRANCISCO I. Una lettura in prospettiva – Discorso ai rappresentanti dei media. In: *Il Regno – Documenti* 7/2013, 196. Tradução minha.

6 Esta e todas as citações que seguem são extraídas do presente livro.

Olhar e julgar o mundo a partir dos mais sofridos

Desde o mundo sofrido dos pobres e da partilha em tudo do seu destino, é possível uma radiografia em profundidade das entranhas de nossas sociedades: de um lado, consumismo e desperdício; de outro, carências e miséria; luxo e ostentação arrancados do suor, exploração e lágrimas de muitos; luzes e brilho em contraste com desvãos e trevas. A aparente ineficácia da presença de mais um pobre em meio aos pobres, partilhando suas vidas, carências e pequenas alegrias, embutia crítica radical ao sistema na denúncia e rejeição de seus símbolos mais visíveis:

“Em 1979, em um encontro dos Amigos do Servo Sofredor em Poranga (CE) – outro município do Ceará, vizinho a Crateús –, debaixo das mangueiras, Alfredeinho ajudou a entender como funciona uma multinacional, com o exemplo da Coca-Cola que, pela força da propaganda, consegue obrigar a todos a comprar um produto importado. Foi daí que nasceu o canto *“Vai embora, Coca, e leva a tua Fanta, deixa de nos explorar...”* e surgiu a campanha conscientizando os donos de vendas a não venderem esta bebida e sim suco de laranja e leite que, de verdade, ‘dão mais vida’. Até hoje, a ISSO [Irmandade do Servo Sofredor] nos convida a resistir à compra e consumo desse produto” (p.25). No canto nada ingênuo contra a Coca-Cola, a marca mais valiosa do capitalismo globalizado, e na recusa do seu consumo, os pobres seguem denunciando e contestando o sistema.

Consumismo, a doença que nos atinge a todos e também aos pobres

Francisco de Assis, filho de um rico comerciante de tecidos, assistiu, no seu nascedouro nas agitadas feiras de Assis e das prósperas cidades italianas da Úmbria e da Toscana ao seu redor, o moderno sistema de mercado, da produção e troca de mercadorias, apoiado no uso crescente do dinheiro e dos mecanismos que o acompanham: bancos, casas de câmbio e uso generalizado da usura. Estava brotando ali o moderno mundo do mercantilismo, seguido do capitalismo industrial e agora do financeiro, hoje inteiramente mundializado. O mundo de luxo, festas, desperdício contrastava com os empobrecidos do novo sistema, não mais os servos da gleba da sociedade feudal, mas os explorados e marginalizados dentro dos muros das cidades do nascente mercantilismo. Neste mundo em que tudo se transforma em “mercadoria”, nada mais é sagrado, nem pessoas, nem animais, nem a natureza.

Ao proclamar irmãos e irmãs a água, a terra, os pássaros, o lobo feroz, os indefesos e pobres e todas as criaturas, Francisco antecipava a resistência ao avanço destruidor e avassalador do sistema que se estava implantando. Despojou-se até de suas vestes e foi nu colocar-se na trincheira dos pobres, como um grito de solidariedade e denúncia.

A Irmandade do Servo Sofredor não cessa de repetir em suas romarias e

encontros: “Nós pobres somos o futuro do mundo se escolhermos o caminho... do respeito pela Criação” (p.215/221). Alfredinho, por sua vez, insistia com seu testemunho: “Somente uma civilização da austeridade é capaz de garantir o futuro da humanidade” (p.221). Advertia também: “O pouco nos une, o muito nos divide” (p.121). Vai na mesma direção a chamada do papa Francisco na *Evangelii Gaudium*:

Os mecanismos da economia atual promovem uma exacerbação do consumo, mas sabe-se que o consumismo desenfreado, aliado à desigualdade social, é duplamente daninho para o tecido social. Assim, mais cedo ou mais tarde, a desigualdade social gera uma violência que as corridas armamentistas não resolvem nem poderão resolver jamais. Servem apenas para tentar enganar aqueles que reclamam maior segurança, como se hoje não se soubesse que as armas e a repressão violenta, mais do que dar solução, criam novos e piores conflitos. Alguns comprazem-se simplesmente em culpar, dos próprios males, os pobres e os países pobres, com generalizações indevidas, e pretendem encontrar a solução numa “educação” que os tranquilize e transforme em seres domesticados e inofensivos. (EG 60)

Francisco e Clara

Francisco não atraiu apenas companheiros para sua aventura espiritual. Clara sentiu-se também chamada, mas só de longe podia acompanhar Francisco. Alfredinho atraiu grande número de companheiros entre moradores de rua, muitos deles ex-drogados, viciados no álcool e portadores de HIV, que reencontraram sua dignidade e alegria de viver e de servir e que se tornaram membros da Irmandade do Servo Sofredor, por ele iniciada entre os últimos da sociedade. De objeto de compaixão e de ajuda, tornaram-se sujeitos cheios de dignidade e esperança no seio da Irmandade, portadores de uma mística da esperança e de profunda espiritualidade.

Clara de Assis, quando o destino os separou – ele seguindo com seus irmãos, pregando e esmolando, ela, reclusa no conventinho da ordem franciscana feminina que leva seu nome, o de clarissas – obteve promessa de Francisco de que se despediria dela e de suas irmãs. Conseguiu assim que seu último desejo fosse cumprido: que o féretro de Francisco parasse diante do convento de Clara, antes de seguir para a sepultura. Muitas Claras seguiram também o caminho trilhado por Alfredinho e continuam sendo a alma da maioria dos Grupos de Sete, que constituem uma ampla rede implantada nos quatro cantos do mundo entre os mais pobres.

Nara foi para Alfredinho o que Clara foi para Francisco, com mais proximidade, intimidade e cumplicidade, sem os muros de um convento a separá-los. Pôde sussurrar-lhe ao ouvido, nos seus últimos momentos, todo o carinho das pessoas que o sustentavam na oração e no sponsalício do seguimento de Jesus: “Alfredinho, filho bem-amado da Trindade, eu te amo. Toda a Irmandade te ama. Eu te agradeço, em nome da Irmandade, dos Filhos da Caridade, da Igreja, de nos ter revelado Jesus presente na nossa vida. Nós acolhemos seu

sofrimento. Ele não é um fracasso, mas uma missão. Você é o preferido do Pai. Quando você sentir que seu coração não aguenta mais, quem sabe se não é a piscadinha de olho que você espera do Bem-Amado? Quando Ele te chamar, vá! Naquilo que me é possível, eu morro com você, você não está sozinho” (p.167).

O mundo será melhor, se o menor que padece acreditar no menor

Os seguidores do caminho aberto por Alfredinho de radical seguimento de Jesus no seu evangelho, “boa notícia para os pobres”, resumiram num Manifesto seu compromisso e sua proposta:

A Irmandade proclamou uma mensagem ao mundo, o chamado “Manifesto”, divulgando “Quem somos nós”, “O que denunciemos” e “O que anunciamos”: “Nossa missão é de revelar o rosto de Deus, presente, especialmente, naqueles que não têm lugar nas organizações da sociedade e da Igreja. Por isso, denunciemos o fato de não sermos reconhecidos como gente, a violência policial e os grupos de extermínio de crianças e adultos, a falta de alimentação, saúde e educação para os pobres, a má distribuição de terra, a contaminação da cidade, a televisão com programas mentirosos, que não temos casas e que somos chamados de invasores quando ocupamos um terreno para morar, a falta de fé... Por isso, nós anunciamos que, na nossa Irmandade, a pessoa humana é valorizada e se sente amada. Anunciamos a alegria da Irmandade, que quando nos encontramos partilhamos o pouco que temos e encontramos forças para lutar e vencer o sofrimento, que já estamos vivendo o Reino de Deus, que os pequenos já começam a acreditar nos pequenos [...]”. (p.6)

Alfredinho, em suas últimas semanas de vida, insistia acerca da Irmandade:

Deus abençoou a Irmandade tal qual ela é, pequena e malfeita. Não é necessário corrigi-la. Ela pode continuar assim até o fim dos tempos. O que é grande dá medo. Sua missão é a de integrar os mais humildes, os mais frágeis, aqueles que nenhum movimento, nenhuma pastoral vai procurar atrair, porque eles não são eficazes. A preocupação com a eficácia arrisca de nos fazer esquecer o valor que eles têm. Ora, foram eles os que me acolheram primeiro na favela. A Irmandade deve ir sempre mais para baixo. (p.165)

Este livro a respeito da Irmandade e de Alfredinho interpela a cada um de nós, como Jesus no Evangelho ao chamar os apóstolos, pedindo que deixassem tudo para segui-lo, ou ao propor ao jovem rico: “Vende tudo o que tens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois vem e segue-me” (Lc 18,22).

Se você soubesse a alegria dos pobres

Os autores do livro explicam para nós a escolha do título: “A obra que você tem em mãos procura responder a uma questão banal, que estou longe de ser o único a fazer: como pode que exista assim tanta alegria no meio dos pobres?” (p.19).

Leia, e você descobrirá e talvez se sinta inspirado, inspirada, a experimen-

tar essa mesma alegria tão insistentemente relatada por São Lucas entre os discípulos de Jesus e no seio das primeiras comunidades cristãs. Poderá entender também o segredo das pessoas que buscam a Irmandade: “A gente não entra na Irmandade do Servo Sofredor para sofrer, mas para ser feliz e para combater a miséria” (p.28).

Só podemos agradecer às muitas mãos que construíram este livro com carinho, amor e desprendimento, prolongando a Boa Nova de Jesus nos dias de hoje, e à Nhanduti Editora, pela corajosa iniciativa de publicar estes muitos retalhos que compõem a luminosa tapeçaria desta grande nuvem de testemunhos carregados de esperança, como nos descreve o Apocalipse (7,9-17).

Nada melhor como fecho desta apresentação do que um trechinho da circular em que, nos 10 anos do falecimento de Alfredinho, a Irmandade reafirmava o caminho por ele aberto:

Neste 12 de agosto de 2010 celebramos os 10 anos da ressurreição de Alfredinho, esse nosso irmão, padre, Filho da Caridade, que matriculou a Irmandade na escola do Servo Sofredor Jesus. Ele que nos ensinou a entrar na “fileira dos excluídos para nunca mais sair dela...” e que anunciou que “o futuro do mundo está nas mãos dos pobres”. Um mês antes de voltar à “Casa do Pai”, com sabedoria nos dizia: “A Irmandade é pequena e malfeita. Mas, que ninguém a corrija. É essa que amo e nessa que acredito.”

Lutando contra toda corrente daquilo que nos impõe a sociedade, a Irmandade se esforça a assumir o desafio de caminhar firme no passo do fraco. Ou seja, de continuar sendo um lugar que pertence primeiramente aos pobres e aos sofredores. O testemunho de Alfredinho nos encoraja a assumir nossa condição de gente pobre, humilde, sofredora, lutadora e cheia de esperança. Ele tinha a convicção de que cada um, por mais frágil que fosse, tem sua capacidade. E sobretudo sua dignidade, intocável, que nada nem ninguém lhe pode retirar.

Desejamos, assim, resistir, de maneira não violenta, a toda forma de opressão e ao consumismo desenfreado, que põe em perigo a vida humana sobre o planeta.
(p.235)

São Paulo, 12 de fevereiro de 2014

Pe. José Oscar Beozzo

Prefácio

Aceitei, com muita alegria, o convite para escrever o prefácio deste livro *Se você soubesse a alegria dos pobres*, que apresenta de maneira agradável e cativante o testemunho de vida do Pe. Fredy Kunz, mais conhecido como Pe. Alfredinho, e das pessoas que se identificaram com a sua espiritualidade e o seu estilo de vida, dando origem à Irmandade do Servo Sofredor.

Tal alegria é ainda mais profunda porque remete à minha própria experiência de vida e às minhas memórias mais caras. Tive a oportunidade de conhecer Pe. Alfredinho em Montreal (Canadá) quando eu ainda era seminarista. Confesso o meu impacto inicial ao encontrar-me diante de um sacerdote tão despojado dos bens materiais e tão identificado com o mundo dos mais pobres. O seu modo de apresentar-se, acompanhado da serenidade e da gentileza no modo de tratar cada pessoa, eram já uma pregação eloquente que interpelava o interlocutor, outras vezes o inquietava, mas, ao final, o convidava gentilmente: “Venha ver a alegria que existe entre os pobres”.

Às memórias de seminarista se somaram aquelas de cardeal. Na época em que eu era arcebispo de Quebec, quis a Providência Divina que eu reencontrasse Pe. Alfredinho, não ele propriamente, mas aqueles que abraçaram o seu ideal de vida e que deram origem à “Irmandade do Servo Sofredor”.

Tal comunidade inspirou-se nos quatro cantos do Servo Sofredor de que fala o Profeta Isaías e encontrou ali a sua identidade e a sua missão. Tal como o servo, eles se reconhecem pequenos e humildes, mas, ao mesmo tempo, não deixam de reconhecer as maravilhas que o Senhor realizou em suas vidas (cf. Lc 1,49). A exemplo do servo, também eles, muitas vezes, conheceram o desprezo e o sofrimento (Is 53,3), mas não desanimaram e souberam resistir, confiantes de que tudo podem naquele que os fortalece (cf. Fl 4,13).

Roma, maio de 2013
Cardeal Marc Ouellet

Introdução

“O nosso Deus é vivo / Nosso Deus é vivo amor...” Eu gostaria que você estivesse naquela igreja de Nossa Senhora das Dores em Juazeiro do Norte (CE) onde, em 19 de janeiro de 1992, esse canto brotava, com toda força, do peito das quinhentas ou seiscentas pessoas ali presentes. Então, sem dúvida, você ficaria tão comovido quanto eu. Assim, talvez, você descobriria, em um instante, mesmo sem abri-lo, o essencial deste livro. De pé em cima de minha cadeira, impressionado, eu via esse monte de chapéus de palha que as pessoas balançavam, esses rostos – negros, indígenas, mestiços, brancos, todos pobres, habitantes de favelas e mesmo da rua, camponeses sem terra, diaristas, boias-frias – transfigurados. Eu via esses homens e essas mulheres de todas as idades, a maioria deles com pouca saúde, dançar. “... Queremos todos cantar de alegria / Na romaria dos sofredores.”

Quando se termina esse canto, começa-se outro, acompanhado de todos os tipos de instrumentos improvisados. “... No corpo trazendo as marcas / Do sofrimento e da dor / Na alma trazendo a força / De Cristo, Nosso Senhor”. Depois outro. Depois outro ainda. Isso não parava mais, porque era um instante de eternidade. E essa igreja estava banhada de alegria.

De fato, essa romaria tinha começado há um ano, dois anos, três anos antes. Das diversas localidades do Brasil, onde surgiu a Irmandade do Servo Sofredor (diremos mais tarde do que se trata), as pessoas juntaram moeda por moeda, criando uma caixa comum para pagar os gastos dos transportes, a fim de que ao menos uma parte dos membros pudesse participar. Em Pilar, uma localidade do Estado da Paraíba, de onde eu mesmo viajei, foram feitas duas mil cruzinhas de madeira, camisas e sacolinhas, e ainda vendeu-se doces. Essa romaria foi também e sobretudo preparada espiritualmente, pela reflexão e oração. Na véspera da viagem, fizemos ainda um dia de jejum.

Depois, os romeiros embarcaram, seja em ônibus ou em paus-de-arara, bem lotados. Uma viagem de uma noite para os mais próximos, três dias e três

noites para quem vinha de longe, do Rio de Janeiro, de São Paulo ou ainda mais ao Sul, os de Curitiba (PR), a três mil quilômetros. Do nosso lado deixamos Pilar numa quinta-feira às quatro e meia da tarde, em um velho veículo que levava umas quarenta pessoas. Cantamos, rezamos, partilhamos sanduíches, beiju, e por fim cochilamos. Eram cinco horas da manhã do dia seguinte quando paramos diante da igreja Nossa Senhora das Dores. Uma igreja onde se venera padre Cícero, considerado um santo pelo povo do Nordeste, mesmo se a Igreja hierárquica não o reconhece como tal.

Houve alegres reencontros entre as pessoas que já se conheciam. Em seguida, inicia-se uma procissão nas ruas da cidade, com bandeiras que traziam o slogan da romaria: “Se une sofredor, Juazeiro vai ouvir o seu clamor!” Na igreja foi feita a abertura, animada por Evinha, leiga e professora, uma das primeiras servidoras da Irmandade. “Havia bispos na assembleia, mas é Evinha que nos acolheu”, ressaltará Alfredinho, um padre nascido na Suíça, inspirador da Irmandade, o qual vocês conhecerão melhor daqui a pouco. A gente ainda se deslocou, debaixo de chuva – tão esperada, pois a seca ameaçava como sempre no Nordeste – até a frente da capela do Socorro onde foi celebrada a eucaristia. No fim, havia tanto entusiasmo que Alfredinho exclamou ao microfone: “Vamos parar, senão vocês vão fazer a cidade de Juazeiro pegar fogo!”

Para o dia seguinte, o programa indicava: “Quatro horas da manhã, saída dos transportes para o Horto”. Depois de uma ou várias noites de viagem, isso significava mesmo um levantar bem cedo. O programa acrescentava entre parênteses: “Reunir-se às três horas, para aqueles que querem subir a pé”. De fato, pouco depois de duas horas da manhã, eu encontrei Alfredinho servindo o café. Logo em seguida, uma fileira de romeiros atravessava Juazeiro. Eu dizia à Laurette Lepage-Boulet, uma canadense de Quebec que insistiu em caminhar, mesmo tendo problemas cardíacos: “Eles são loucos: como se não bastasse levantar-se no meio da noite, agora vão acordar metade da cidade!” “Não somente a cidade, mas o mundo inteiro!” me retrucou Laurette.¹

Sobe-se, mesmo que com dificuldade para alguns – uma mulher teve que ser hospitalizada – até o alto do morro onde fica a estátua do padre Cícero, de 25 metros de altura. Sobre a base da escadaria, em volta do pedestal dessa estátua, se sucedeu uma celebração penitencial. Essa celebração foi animada com cenas de teatro. Pede-se perdão a Deus pela divisão entre os pobres, por sua tendência a cair na tentação do álcool ou do consumismo. Confessa-se, mutuamente, dois a dois, confiando um ao outro aquilo que se quer mudar em sua vida. Enquanto o padre pronunciava as palavras de absolvição, cada um colocava sua mão na cabeça da pessoa ao lado.

Ainda uma hora de caminhada até o eremitério onde, entre rochas e árvores, D. Fragoso, o bispo da diocese de Crateús (CE) – onde nasceu a Irman-

1 Laurette Lepage Boulet será reencontrada na terceira parte desse livro. Ela faleceu em 27 de maio de 2012.

dade – presidiu a eucaristia. À tarde e à noite, os grupos de romeiros, vindos de diferentes lugares, faziam sua apresentação em um salão paroquial para evocar, através de dramatizações e cantos, suas atividades (visita aos doentes, artesanato, horta comunitária...), sua luta contra a droga, o desemprego, a fome, a violência.

No domingo, depois de uma missa às cinco horas da manhã com os paroquianos de Juazeiro, nós nos reencontramos na igreja para a celebração final, transmitida pela rádio. Nessa ocasião, a Irmandade proclamou uma mensagem ao mundo, o chamado “Manifesto”, divulgando “Quem somos nós”, “O que denunciamos” e “O que anunciamos”: “Nossa missão é de revelar o rosto de Deus, presente, especialmente, naqueles que não têm lugar nas organizações da sociedade e da Igreja. Por isso, denunciamos o fato de não sermos reconhecidos como gente, a violência policial e os grupos de extermínio de crianças e adultos, a falta de alimentação, saúde e educação para os pobres, a má distribuição de terra, a contaminação da cidade, a televisão com programas mentirosos, que não temos casas e que somos chamados de invasores quando ocupamos um terreno para morar, a falta de fé... Por isso, nós anunciamos que, na nossa Irmandade, a pessoa humana é valorizada e se sente amada. Anunciamos a alegria da Irmandade, que quando nos encontramos partilhamos o pouco que temos e encontramos forças para lutar e vencer o sofrimento, que já estamos vivendo o Reino de Deus, que os pequenos já comecem a acreditar nos pequenos...”

É logo depois dessa proclamação que foram entoados os cantos evocados nas primeiras linhas dessa Introdução, que todo mundo se pôs a dançar e que a alegria explodiu nessa igreja de Nossa Senhora das Dores. E é nesse instante que nasceu esse livro. De uma emoção. Uma emoção forte que te retorce por dentro até às entranhas. Assim que eu voltei à Europa, eu tentei comunicá-la: “Se você soubesse a alegria dos pobres...”

A obra que você tem em mãos procura responder a uma questão banal que estou longe de ser o único a fazer: como pode que existe assim tanta alegria no meio dos pobres?²

A romaria de Juazeiro representava certamente um momento excepcional, com ingredientes presentes em outros momentos excepcionais: o entusiasmo, a exaltação, a comunhão. Eles se encontram em todo tipo de acontecimentos, religiosos, políticos, esportivos, musicais, em torno de um estádio como em uma sala de concerto, durante uma manifestação de rua como em uma catedral, ou como alvo, uma vedete em um show, uma alteza real, uma equipe de futebol, um ditador, um padre carismático ou o papa... Isso pode se dar tanto no recolhimento e no profundo silêncio como em plena algazarra.

2 Nós fazemos nesta obra uma clara distinção entre pobreza e miséria. O pobre está ainda incluído na sociedade, mesmo abaixo da escala social, enquanto o miserável está excluído, privado de toda autonomia.

Eu me perguntei se a explosão repentina da “alegria dos pobres” em Juazeiro provinha somente desse tipo de fenômeno – passando também pelo temperamento do povo brasileiro – ou se haveria outras origens. É por isso que, durante alguns anos depois da romaria, eu tentei detectar os traços desta alegria na vida cotidiana da Irmandade do Servo Sofredor, no Brasil e em outros lugares. Essa prospecção durante viagens e encontros deu muito mais frutos do que eu imaginava.

Eu poderia ter ido buscar minhas pepitas de ouro em outros cantos. Eu certamente os teria encontrado. Felizmente, a Irmandade não tem o monopólio da alegria, nem mesmo da “alegria dos pobres”. Essa Irmandade é uma pequena associação localizada primeiramente no Brasil, com brotos no Equador, Bolívia, Canadá, Estados Unidos e em alguns países da Europa e da África. Quando consideramos sua fragilidade e sua precariedade, podemos, aos olhos humanos, nos interrogar sobre sua esperança de vida. Entretanto, é aí que, de minha parte, descobri não só uma pepita, mas toda uma jazida de ouro, com um elevado teor de alegria. É verdade que tudo isso está misturado com sofrimento e dor.

Eis aí o que figura na Introdução da edição francesa dessa obra, lançada em janeiro de 2002.³ Depois desta data, a Irmandade seguiu seu caminho, sempre “pequena e malfeita”, como a descrevia Alfredinho, pedindo que ninguém tentasse corrigi-la. Ela se desenvolve de maneira largamente autônoma, em múltiplos lugares e em diferentes contextos, com o mesmo espírito. Como o texto francês, essa edição em português dá apenas uma imagem parcial, condicionada pelo campo de visão, também parcial, dos autores. Ela retoma, em parte, o texto francês, com algumas modificações, completa ou acrescenta certos relatos. Não se trata, então, de uma simples tradução, mas de uma adaptação e de uma atualização. É por isso que a assinatura de Nara Rachid Silva figura nesse livro, ao lado daquela de Michel Bavarel, que tinha redigido a obra em francês, já se beneficiando, aliás, da contribuição de Nara, como a de Alfredinho. Entretanto, cada vez que figura a expressão “eu”, é Michel que fala e quando é Nara, seu nome é mencionado.

De partida, há Alfredinho (Fredy Kunz), um homem de porte pequeno, com apenas um metro e meio de altura, nascido em Berna (Suíça) em 9 de fevereiro de 1920. Seu pai, Frédéric, trabalhava em uma pedreira, sua mãe, Anna, de origem protestante, era cozinheira, tanto em casas particulares como em restaurantes. A família, que tinha um segundo filho, André, deixa em 1926 o lugarejo de Frinvillier, aos pés da montanha do Jura do lado suíço, para ir a Arbois, no lado do Jura francês, à procura de trabalho, pois aí tinham parentes que possuíam uma malharia. A família Kunz foi alojada no sótão dessa fábrica. Em troca de moradia gratuita, assumia a limpeza do local, e durante

3 *Si vous saviez la joie des pauvres*. Saint-Maurice (Suíça): Editions Saint-Augustin, 2002.

o frio do inverno, o aquecimento do interior de todo o prédio com lenha ou carvão. O pai foi encarregado da manutenção das máquinas, a mãe, logo em seguida, foi nomeada supervisora. “Era uma vida de operários. Mal dava para sobreviver.”

Poucos anos depois da guerra de 1914-1918, que tinha, entre outros, colocado França e Alemanha como países inimigos entre si, o nome Kunz, que soava como alemão, provocava reações de rejeição. Alfredinho muitas vezes foi tratado com palavras de desprezo. “Quando os colegas da escola me batiam, eu voltava em casa chorando. Minha mãe me abraçava, me consolando, e dizia: ‘Você é um sofre dores’ (como um saco de pancadas). Eu recebi assim a unção do Espírito para atravessar, digerir o sofrimento. E como Jesus em seu batismo, eu entrei na fileira dos excluídos, publicanos, vítimas da prostituição, para nunca mais sair dela”, escreverá ele.

Aos onze anos de idade, Alfredinho começa a trabalhar em um hotel como cozinheiro, primeiro durante as férias escolares e depois, ao deixar a escola aos 13 anos, para fazer um tempo de aprendizagem, isso em más condições. “Eu fazia facilmente até quinze horas de trabalho por dia. Meu chefe pensava muito mais em me explorar do que em me ensinar uma profissão. O trabalho se passava à custa de tapa na cara e pontapé no traseiro, se eu não fosse rápido como ele queria. E eu não era pago.” Isso comprova que Alfredinho nunca fez uma opção por uma vida pobre, porque pobre ele foi durante toda a vida.

Tornar-se padre

Ele tornou-se em breve militante da JOC (Juventude Operária Católica). Durante um encontrão de trabalhadores, o animador perguntou quem tinha tido quinze dias de férias no ano. Um bom número de jovens se levantou. E quem teve uma semana? E somente três dias? Outros se levantam. Quando ele perguntou quem não tinha tido férias de jeito nenhum, só Alfredinho se levantou. “Eu tinha trabalhado 365 dias, sem parar, nem no Natal nem na Páscoa.” Graças à JOC, ele tomou gosto pela leitura, leu todo o Evangelho e devorou a Encíclica *Quadragesimo anno*, do papa Pio XI, sobre a condição social do trabalhador.

Em 1939, quando ele trabalhava no restaurante da estação de trem do Fayet, perto de Chamonix, à sombra do Mont-Blanc, uma noite depois do serviço, enquanto caminhava para reencontrar a calma, surgiu nele a ideia “clara, luminosa” de tornar-se padre. Ele fez um retiro e se inscreveu em um seminário. Entretanto, a guerra explode, e como não havia mais trem, ele volta de bicicleta a Arbois, a uns 250 quilômetros de distância. Como seu pai se opunha à sua vocação sacerdotal, ele se alista como voluntário no exército francês. Capturado como prisioneiro, ele foi enviado à Áustria, perto de Viena. Com um prisioneiro escoteiro e um protestante, ele organizava a celebração dominical, o atendimento aos doentes, um círculo bíblico, uma biblioteca... Eles logo

obtiveram um capelão. “Atrás dos arames farpados, vigiados por sentinelas, nós conseguimos cavar um incrível espaço de liberdade!”, dirá ele mais tarde.

Alfredinho foi levado a um campo de punição por ter recusado, com um grupo de colegas prisioneiros, o estatuto de trabalhadores civis que lhes daria muitas vantagens, mas que os fazia colaborar com o inimigo. Eles souberam resistir. Desse lugar, ele viu chegar quase no fim da guerra mais ou menos mil prisioneiros do campo de Mauthausen, onde mais de cem mil pessoas morreram. A maior parte dentre eles eram presos políticos (de oposição aos nazistas), com um triângulo vermelho em sua veste listrada de azul e branco. Vigiados pela Gestapo e pela SS, polícia secreta da Alemanha nazista, esses prisioneiros deveriam transformar os porões onde se conservava cerveja em usinas para fabricar os mísseis V1 e V2, com os quais os alemães bombardeavam a Inglaterra e a Bélgica.

Meditar, tentando compreender

De uma janela de seu campo, Alfredinho podia observar esses homens: “Eram verdadeiros esqueletos humanos. Havia terror no rosto deles. Eu passei horas e horas a rezar e a meditar, para tentar compreender aquilo que se passava. Eu tinha a impressão, um pouco confusa, de uma imensa representação da paixão do Cristo.” Alfredinho não se contenta em rezar e em meditar. Como cozinheiro, ele dispunha de restos de comida. Ele se organiza para levar regularmente esses restos aos presos políticos. No campo deles encontrou um militante comunista que dirigia uma organização secreta. Durante três meses e meio, Alfredinho passou às escondidas remédios, roupas e algumas cartas aos prisioneiros políticos. Descoberto, ele sofreu duros interrogatórios e foi ameaçado de ser condenado à morte, mas o exército alemão, do qual ele dependia, o deixou finalmente tranquilo.⁴

Depois da guerra, Alfredinho entra em um seminário de vocação tardia – assim chamado naquela época para jovens já adultos – em Fontgombault, na França. Seu antigo capelão do campo de prisioneiros o orienta para a congregação dos Filhos da Caridade, fundada em 1918, pelo padre Émile Anizan, para a evangelização do mundo operário. “O rigor do noviciado me ajudou a não recuar. Eu era sempre perseguido pelo desejo de ir mais longe no viver como os excluídos. E foi assim mesmo!”

Ordenado padre em 1954, ele foi por um ano vigário em Paris, antes de ser enviado ao Canadá, à província de Quebec. Encarregado, com seu fiel amigo Pe. Jean Naert, dos jovens da paróquia Saint-Jean na Pointe-Saint-Charles, um bairro operário de Montreal, ele visita as famílias, dá grande impulso à JOC, organiza acampamentos e romarias para jocistas e escoteiros, cria um pequeno jornal...

4 Ver KUNZ, Fredy. *À sombra de Nabuco*. São Paulo: Loyola, 1997.

Círculo Max Kolbe

No seminário, Alfredinho tomou conhecimento do franciscano polonês Maximiliano Kolbe que, como ele, era um devoto da Imaculada. Aprisionado pela Gestapo – a polícia política da Alemanha Nazista – e detido no campo de concentração e extermínio de Auschwitz com o número 16.670, Maximiliano Kolbe se ofereceu para substituir um pai de família condenado à morte, em represália depois de uma fuga. Preso com nove outros reféns no “bloco da fome”, ele morreu no dia 14 de Agosto 1941. Ele foi canonizado pelo papa João Paulo II em 1982.

No bairro da Pointe Saint-Charles, Alfredinho lança o “Círculo Max Kolbe”. Quando uma família necessitada se apresentava à paróquia, ele a confiava a um “servidor” desse círculo que se constituía de uma equipe de sete, incluindo essa mesma família. Revezando os dias, cada membro da equipe lhe trazia leite ou pão. A família carente também tinha seu dia de serviço. Ela ia, por exemplo, serrar lenha para os outros aquecerem sua casa. Entretanto, o “Círculo Max Kolbe” tinha um objetivo maior: “Tornando-nos escravos de um pobre, pedir, pela Imaculada, a libertação de um cristão da Igreja do Silêncio”. Alfredinho estava impressionado com essa Igreja do Silêncio, constituída de milhões de cristãos perseguidos nos países do Leste Europeu submetidos aos regimes comunistas que lhes impediam de anunciar sua fé.

Em 1962, Alfredinho foi encarregado da pastoral vocacional. Ele percorria milhares de quilômetros para falar nos colégios e pregar retiros. Toda vez, ele evocava o “Terceiro Mundo”. Ele mesmo sonhava em partir para a Índia e, nessa perspectiva, deixa de comer carne. Ele elabora todo um plano de apostolado e o submete aos Filhos da Caridade. A resposta que obteve foi a que não era pelo fato de haver alguém livre que a gente poderia se lançar à conquista de todo um continente. De fato, os Filhos da Caridade ainda não se faziam presentes na Ásia. Por outro lado, eles estavam na América Latina. Foi assim que Alfredinho percorreu vários países latino-americanos no início do ano de 1968, levando com ele, como referência, os endereços das Fraternidades das Irmãs de Jesus, das quais ele era próximo. No Brasil, ele passa, notadamente, por Fortaleza, onde seu percurso terminou. Ele retorna ali em agosto daquele mesmo ano, para chegar até Crateús.

Um bairro santuário

Crateús é uma cidade do interior do Estado do Ceará, em pleno sertão – zona semiárida do Nordeste, marcada pelas secas periódicas e sobretudo pela injustiça. As imensas fazendas, herdadas da época colonial, deixam pouco espaço e poucos recursos de sobrevivência à massa dos pobres. Vários deles

são obrigados a emigrar para as grandes cidades do “Sul”⁵ ou para a Amazônia. É em Crateús que Alfredinho pensava aprender o português. De fato, o que o atraiu ali foi a reputação da diocese. Dizia-se que essa diocese era um espinho na garganta da ditadura militar que detinha o poder já há quatro anos. Reputação esta devida particularmente ao bispo, D. Fragoso, um pioneiro das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e da “opção preferencial pelos pobres”. Dom Fragoso era membro dos quarenta “pequenos bispos” que se inspiravam na espiritualidade de Charles de Foucauld.

Quando alguns meses mais tarde foi perguntado a D. Fragoso, de passagem por Fortaleza, se Alfredinho tinha aprendido o português, ele respondeu: “Nada. Mas Alfredinho não precisa aprender a língua, porque ele fala a linguagem do coração, e essa todo mundo entende. Ele fala muito mal, mas todo mundo entende tudo o que ele diz.” Pouco tempo depois de sua chegada, dona Juliana, uma militante do Ninho (movimento de apoio à mulher marginalizada), levou Alfredinho à casa de Antonieta, uma jovem vítima da prostituição que estava morrendo de tuberculose. “Ela se confessou, comungou e recebeu a unção dos doentes. Eu vi então no seu rosto um reflexo da presença do Cristo. Uma expressão de paz e de alegria... Ela morreu quinze dias mais tarde. As pessoas arrancaram a porta de seu barraco para depositar seu corpo em cima dela, pois nem mesa havia.”

Dizendo que aquilo que tinha sido bom para Antonieta deveria ser bom também para ele, Alfredinho logo alugou esse mesmo barraco, em plena zona de prostituição. Ele viveu lá mais de três anos. Para não escandalizar demais, ele passava suas noites fora dali. “Foi aí que eu comecei a partilhar a existência dos pobres. Foi aí também que eu descobri que, para viver com os pobres, é melhor não ter dinheiro. Um dia, Dom Fragoso veio almoçar comigo. Eu lhe disse que esse bairro era um santuário e lhe contei as maravilhas das quais eu era testemunha. Foi para mim uma escola extraordinária.”

Os cânticos do Servo Sofredor

Desde que ele tinha encontrado os prisioneiros políticos no seu campo da Áustria, Alfredinho não parou de meditar sobre o mistério do sofrimento. O que o conduziu a uma leitura aprofundada do quarto cântico do Servo Sofredor, no livro do profeta Isaías, cântico este escrito durante o exílio da Babilônia, onde o Servo é descrito assim: “Ele era rejeitado pelos homens, desprezado, homem das dores, familiarizado com o sofrimento. [...] Eram os nossos sofrimentos que ele carregava e nossas dores que ele suportava e, por suas feridas, fomos curados” (Is 53).

“É nos cânticos do Servo de Deus que Jesus descobriu sua missão. Ele é o Servo Sofredor por excelência. E hoje, ele continua sua paixão e ressurreição

5 Para nordestinos, a expressão “Sul” faz alusão às localidades afastadas de sua terra natal, indicando a ideia de distância geográfica e não correspondendo, necessariamente, à região Sul do Brasil.

na carne dos pobres humilhados, rejeitados, conduzidos ao matadouro. São esses pobres que purificam nossa humanidade corrompida pelo consumismo, pelo luxo, pelo desperdício, pela sexualidade desenfreada, pela violência. São as suas feridas que nos curam. Se nosso mundo de estupidez e de horrores não afunda de vez, é graças a esses servos sofredores. Seu espírito de resistência, sua disposição a perdoar pode converter aquele que detém o poder e o dinheiro, aquele que é vítima dos falsos deuses do mundo materialista. Quando o pobre, mergulhado nesse mistério, sem saber, adquire a inteligência do que ele vive, alguma coisa nasce. Porque a vocação do Servo Sofredor não é de ficar eternamente pisado. Ele é portador de uma esperança. Quando Isaías fala no meio dos cativos, ele pressente uma libertação”, explicava Alfredinho.

Quando Alfredinho sofria de uma hérnia de disco, em 1976, desafiou o biblista frei Carlos Mesters a procurar na Bíblia o sentido de tamanho sofrimento, assim como o sofrimento do nosso povo. Daí, frei Carlos escreveu o livro *A missão do povo que sofre*⁶, apresentando os quatro cânticos do Servo de Javé como quatro passos que o sofredor faz para descobrir-se servo.

Chamado a pregar retiros, Alfredinho se colocou a evocar a figura do Servo Sofredor. Provocado por um leigo do Estado da Paraíba, João Batista, um encontro foi organizado sobre esse assunto, no dia 7 de janeiro de 1977, na Prainha de Aquiraz, perto de Fortaleza, capital do Ceará. Esse encontro reuniu sete pessoas que decidiram se reencontrar uma vez por ano. Cada um se comprometeu, igualmente, a assegurar um mês de permanência de oração. Foi assim que nasceu o grupo chamado “Os Amigos do Servo Sofredor”.

Em 1979, em um encontro dos Amigos do Servo Sofredor em Poranga (CE) – outro município do Ceará, vizinho a Crateús –, debaixo das mangueiras, Alfredinho ajudou a entender como funciona uma multinacional, com o exemplo da Coca-Cola que, pela força da propaganda, consegue obrigar a todos a comprar um produto importado. Foi daí que nasceu o canto “*Vai embora, Coca e leva a tua Fanta, deixa de nos explorar...*” e surgiu a campanha conscientizando os donos de vendas a não venderem esta bebida e sim suco de laranja e leite que, de verdade, “dão mais vida”. Até hoje, a ISSO nos convida a resistir à compra e consumo desse produto.

Porta Aberta aos Famintos

De 1979 a 1983, o sertão sofreu uma grande seca, causando milhares de vítimas. “Um dia, eu vi três crianças mortas ao mesmo tempo, a cinquenta metros de minha casa”, contava Alfredinho. No dia 7 de março de 1981, a cidade de Crateús foi invadida por centenas de flagelados vindos da redondeza, em busca de comida e de trabalho. No Nordeste, dentro da realidade da seca, após três dias de fome, o povo tem o direito, por lei, de se organizar

6 Petrópolis: Vozes, 1981.

para pegar alimentos. Os comerciantes fecharam suas portas. O comandante do batalhão convocou uma reunião para organizar a defesa civil. No dia seguinte, Alfredinho começou um jejum de nove dias. Ele propôs aos habitantes daquela cidade uma campanha de acolhida dos flagelados da seca, distribuindo cartões verdes sobre os quais estava escrito: “Porta Aberta aos Famintos (PAF)”⁷. “Assim, em alguns dias, foram abertos dois mil centros de acolhida nas casas. O bispo foi o primeiro a colocar esse cartão, e [...] a cozinheira foi quem pagou o preço!”

“Fraternidade sim, violência não!”

Em 1983, a Igreja no Brasil lança uma Campanha da Fraternidade com esse tema: “Fraternidade sim, violência não!” Alfredinho já tinha experimentado o absurdo da guerra durante o cativeiro, quando seu melhor amigo foi morto ao seu lado em um bombardeio americano. Hildegard e Jean Goss, do Movimento Internacional da Reconciliação (MIR), tinham vindo a Crateús para uma formação à não violência. De seu lado, Alfredinho tinha acolhido bem sua mensagem. Em seguida, ele participou de diversas reuniões sobre esse tema, encontrando ali o futuro prêmio Nobel argentino Adolfo Perez Esquivel. “A meu ver”, dizia Alfredinho, como Jean Goss, “a não violência é a maneira evangélica de transformar o mundo.”

Em Crateús, a campanha “Fraternidade sim, violência não” se concretiza, estimulada por Alfredinho, em uma “operação limpeza”, o “Lixbrás” (lixeiros do Brasil) que mobiliza, cada domingo da Quaresma, entre mil e mil quinhentas pessoas. Esses lixeiros improvisados se colocam a limpar as ruas da periferia da cidade, um gesto não violento, mostrando que é preciso “retirar o lixo de seu coração”. Essa sigla “Lixbrás” era escrita sob um fundo branco, contendo três listras azuis paralelas, traspassadas ao centro por um triângulo vermelho. Ela começou a servir de símbolo com o qual o povo se reconhecia membro desse movimento.⁸ Nesse mesmo ano, Alfredinho alistou-se, sem receber salário, em um “bolsão da seca” ou “frente de emergência”, uma iniciativa do governo que daria um meio de sobrevivência às vítimas da seca. Empurrando seu carrinho com barro, ele participou durante onze meses da

7 Ver capítulo “Porta Aberta aos Famintos”.

8 Essas três listras azuis paralelas, traspassadas ao centro por um triângulo vermelho, evocam o tecido do uniforme usado pelos prisioneiros políticos durante a Segunda Guerra Mundial. Esse símbolo passou a ser conhecido pelo povo sofrido primeiramente em 1983, através do “Lixbrás”. Em 1988, na primeira romaria da Irmandade (Canindé, CE), para grande surpresa de Alfredinho, os romeiros, vindos de vários cantos do Brasil, chegaram identificados com essa sigla, estampada em seus chapéus de palha, em suas camisetas e sacolas, em suas faixas. Mais tarde, em 1991, a Irmandade acrescentou acima das listras azuis a palavra ISSO – uma abreviatura do nome Irmandade do Servo Sofredor – e, abaixo delas, o número de prisioneiro de Maximilian Kolbe, 16.670. Esse símbolo, vindo da guerra como sinal de morte, se tornou assim, através do testemunho de Max Kolbe (que aceitou de morrer no lugar de um pai de família), símbolo de resistência, símbolo de vida: “Me deixe morrer no lugar dele! Eu sou apenas um padre!” O padre Max Kolbe é o padroeiro da Irmandade.

Páginas 31-232 não disponíveis na versão eletrônica

Manifesto da Romaria da Irmandade do Servo Sofredor

Quem Somos Nós

Vimos de doze Estados do Brasil, do Canadá, da França, da Espanha, da Suíça, da Itália, chegando a um número de uns 200 romeiros. Outros, vivendo também na África, na América, na Europa e no Brasil, se uniram a nós pela oração. Entre nós havia habitantes de favelas, de bairros populares, deficientes, trabalhadores – que tinham um emprego e outros à procura dele – crianças, adultos, pais e mães de família, idosos, jovens, adolescentes, religiosos, padres, bispo...

Para chegar até Santa Fé, o Santuário dedicado ao padre Ibiapina, na Paraíba, fizemos artesanato, sabão, velas, vendemos roupas usadas, economizamos... Juntos vivemos uma bela festa, sem álcool, sem droga, sem briga, sem violência, sem grandes recursos materiais, na simplicidade. Tínhamos como palavra de ordem “não jogar comida fora, nem mesmo um grão de arroz”. Recuperamos grande parte do material que utilizamos, que poderá ainda servir nos próximos encontros. Cuidamos do local onde fomos alojados e respeitamos as plantas e as flores que encontramos em nossa volta, sem nem mesmo colhê-las.

Nós denunciemos

– A injustiça social, a exploração dos trabalhadores, das mulheres e das crianças, a violência.

- O fato de que “pobres com um espírito de ricos” procuram imitar esses últimos, se deixando influenciar pela publicidade, e se submetem à tentação do consumismo desenfreado. Que eles comprem objetos não necessários à prestação e, não estando mais em condição de satisfazer as necessidades reais de suas famílias, caem na miséria.
- O fato de que esses mesmos “pobres com um espírito de ricos” jogam toda sua esperança nas loterias e em outros bingos.
- A ausência de uma tomada de consciência do caráter precioso da água, em particular onde ela existe em abundância, seu desperdício, a privatização daquilo que devia ser um bem comum à humanidade, sua comercialização.
- A exagerada produção do lixo de nossas casas, indústrias, restaurantes, hospitais etc. O mesmo não é tratado corretamente.
- O descaso pelo outro quando não se diz nem se quer um “bom dia”. O isolamento faz a pessoa desacreditar na importância de sua existência.
- A retirada da aposentadoria de idosos, doentes e pessoas com deficiência.
- As drogas e seu comércio que acabam com o relacionamento entre as pessoas, destroem vidas e a vida das famílias.
- O fato de que nosso desejo de felicidade, nosso desejo de Deus, explode em mil pequenos desejos que se transformam em mil necessidades que atingem a Criação.

Nós anunciamos

- A força do silêncio, que nos ajuda a ouvir Deus dentro de nós e torna possível o diálogo, onde podemos falar e escutar o outro.
- Que somos servos sofredores, filhos de Deus até à morte, consagrados a servir uns aos outros.
- As boas-vindas a quem chega. Gostamos de nos encontrar, de comer juntos. E, graças à partilha, nas nossas mesas sempre sobra alimento.
- Nossa vontade de seguir o caminho da não violência e da não vingança.
- Nossa vontade de seguir o caminho do respeito da Criação.
- Nossa escolha de uma pobreza digna. Como diz Ricarda da ISSO/Santo André - SP: *“Eu quero ser o que eu sou. Nada mais além do que eu sou”*.
- As Campanhas do PAF (*“Porta Aberta aos Famintos”*), partilha com irmãos mais necessitados, e do LIXBRÁS (*“Lixeiros do Brasil”*) que, varrendo as ruas dos bairros pobres de Crateús (CE), nos incentiva a manter limpo o local onde vivemos.
- Que tentamos resistir às propagandas das multinacionais como a Coca-Cola, McDonalds, Nestlé. Gostamos de cantar: *“Vai embora, Coca!”*
- Que acreditamos na força do fraco.
- Que o homem caído no chão é Jesus.
- Que acreditamos na Palavra de Deus, *“Bom Anúncio”* para nós pobres.

– Essa palavra de Alfredinho: *“Somente uma civilização da austeridade é capaz de garantir o futuro da humanidade”*.

Alfredinho, 10 anos e... a Irmandade firme no passo do fraco

Passada a romaria, alguns meses mais tarde, este texto foi enviado ao conjunto da Irmandade:

Neste 12 de agosto de 2010 celebramos os 10 anos da ressurreição de Alfredinho, esse nosso irmão, padre, Filho da Caridade, que matriculou a Irmandade na escola do Servo Sofredor Jesus. Ele que nos ensinou a entrar na *“fileira dos excluídos para nunca mais sair dela...”* e que anunciou que *“o futuro do mundo está nas mãos dos pobres”*.

Um mês antes de voltar à *“Casa do Pai”*, com sabedoria nos dizia: *“A Irmandade é pequena e malfeita. Mas, que ninguém a corrija. É essa que amo e nessa que acredito.”*

Lutando contra toda corrente daquilo que nos impõe a sociedade, a Irmandade se esforça a assumir o desafio de caminhar firme no passo do fraco. Ou seja, de continuar sendo um lugar que pertence primeiramente aos pobres e aos sofredores.

O testemunho de Alfredinho nos encoraja a assumir nossa condição de gente pobre, humilde, sofredora, lutadora e cheia de esperança. Ele tinha a convicção de que cada um, por mais frágil que fosse, tem sua capacidade. E sobretudo sua dignidade, intocável, que nada nem ninguém lhe pode retirar.

Desejamos assim resistir, de maneira não violenta, a toda forma de opressão e ao consumismo desenfreado que põe em perigo a vida humana sobre o planeta.

Qual Deus? E nós, quem somos?

Após nossas reflexões sobre a não violência e a não vingança escolhemos de abordar essa questão essencial: *“Qual Deus? E nós, quem somos?”* Uma nova cartilha de preparação foi enviada ao conjunto da Irmandade em outubro 2011.

Para elaborá-la recorreremos então aos escritos do padre suíço Maurice Zundel. Utilizamos também uma entrevista de Paul Ricoeur, pensador protestante francês, e textos de nossos amigos Carlos Mesters e José Comblin. A visão da pessoa humana e de Deus que eles nos propõem poderá nos surpreender, nos desconcertar. Não é a única visão concebível, mas ela nos parece responder bem particularmente à mística do Servo Sofredor que nos leva ao encontro do Deus da compaixão, da solidariedade, do perdão, do amor gratuito. Trata-se de nos perguntarmos com quem entramos em relação quando rezamos ou meditamos.

Creio na pessoa humana

“Faz parte da natureza do homem ultrapassar sua natureza. Quando o padre Kolbe decide morrer, todo o campo de concentração fica maravilhado, impressionado, e mesmo os torturadores não podem se impedir desse grito de admiração: ‘Nunca vimos nada igual!’ A pessoa humana é um animal, mas que percebe que não é mais um animal. Fazer a experiência de nossa humanidade, ser pessoa e encontrar a Deus é a mesma coisa. A pessoa humana só é humana quando ela é além de si mesma.”

Estas palavras de Maurice Zundel figuram no primeiro encontro da cartilha de preparação do retiro de 2013. No segundo, se lê isto: “O primeiro artigo do Credo cristão é: ‘Eu creio no homem’. Não se pode encontrar o verdadeiro Deus se não se crê na pessoa humana. É verdade, revela ainda Zundel, que somos tentados a buscar uma falsa grandeza através da dominação, da competição. Essa competição nos coloca uns contra os outros. Nós nos atacamos mutuamente quando entendemos a grandeza como quem está acima dos outros, em vez daquela grandeza de Jesus, de joelhos, lavando os pés de seus discípulos. Não se trata de destruir nossa necessidade de grandeza, de ser reconhecido, de amar e de ser amado, mas de realizá-la à maneira de Deus. O que se precisaria descobrir é que a plena grandeza está na plena pobreza.”

O terceiro encontro, intitulado “A pessoa humana santuário de Deus”, começa por uma citação de Alfredinho: *“Cada pessoa humana revela algo do divino que existe nela. O essencial da religião está em tomar consciência de que Deus vive em mim, que Ele me ama, que Ele quer me transformar, tornando-me seu filho.”* Em seguida, Maurice Zundel nos diz isso: “A vida é bela à medida que ela se transfigura. A vida é bela à medida que ela se torna divina. À medida que, através de nosso rosto, resplandece o rosto de festa de Cristo Jesus. Ficamos sempre decepcionados com a pessoa humana quando não encontramos o infinito nela.”

Um Deus pobre e frágil

Os três encontros seguintes falam da imagem que fazemos de Deus, mesmo conscientes de que “Deus não é imaginável ou concebível”, como o escreveu um irmão da comunidade de Taizé, Max Thurian.

“Nós temos que descobrir quem é Deus. Deus é desarmado, pobre. Deus é um mendigo sentado à beira do caminho, implorando nosso amor”, dizia Alfredinho. “Muitos fazem uma ideia de Deus comum à toda humanidade, com formas diferentes, um deus todo-poderoso, eterno, que sabe tudo, capaz de castigar e de recompensar, sensível às orações e que exige sacrifícios e doações”, acrescentava José Comblin.

De seu lado, Maurice Zundel pronunciava estas fortes palavras: “Deus é

Deus porque Ele é despojamento, pobreza, humildade, porque Ele não tem nada. Deus é Deus porque Ele dá tudo, e é por isso que Ele só pode nos tocar pelo seu amor. O fato de Deus ser pura generosidade, podendo só amar, faz dele um Deus desarmado. É assim que Ele é, em face de nossa brutalidade, um Deus frágil, um Deus que pode morrer, um Deus crucificado. É Ele o ameaçado por nós e não nós por Ele. É Ele que necessita ser salvo de nós e não nós Dele. A cruz não é um sacrifício oferecido a um tirano que recusa perdoar se não houver derramamento de sangue, mas uma superabundância de amor que compensa nossa recusa de amor." A figura do Servo Sofredor nos ajuda a renunciar à imagem de um Deus todo-poderoso, diz Paul Ricoeur, sabendo que "o modelo de todo poder que temos é um modelo político: é aquele do tirano que pode tudo aquilo que ele quer". Esta figura do Servo Sofredor nos livra também de pensarmos em um deus mágico, que garante o privilégio de uma proteção divina ou da prosperidade a alguns e não a outros.

Segundo Zundel, Deus, por Ele ser liberdade, só pode criar um mundo de liberdade que ele mesmo não pode violar. Porque o amor jamais pode constranger. Ele se destruiria a si mesmo. E Zundel acrescenta: "Deus precisa do consentimento da pessoa humana. Deus não é o criador deste mundo de lágrimas e de sangue. Deus é inocente. Deus não tem nada a ver com a existência da morte, nada a ver com a existência do sofrimento, Deus não tem nada a ver com o mal. Ele sofre com ele, Ele é o primeiro a ser atingido, a vítima do mal. O mal está no mundo contra Deus e apesar Dele. O mal não vem de Deus, mas encontra espaço para agir, na liberdade nascida de seu amor por nós."

O último encontro da cartilha traz esse título: "Toda graça é missão." Há uma única maneira de testemunhar Deus: identificando-nos com a pessoa humana que está diante de nós, no silêncio de quem está de joelhos, comungando assim, através desse encontro, com o Deus Vivo. É isso a eternidade. Não é amanhã nem depois da morte.